

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. Viver o sacerdócio como salesianos

P. Ivo COELHO,
Conselheiro geral para a Formação

Depois de dedicar uma carta à reflexão sobre a vocação do salesiano leigo: “Uma renovada atenção ao salesiano coadjutor” (ACG 424), é adequado concentrar o olhar sobre a vocação do salesiano padre.

Não se deve esquecer que o primeiro objetivo a alcançar na seção ‘formação’ do projeto do Reitor-Mor e seu conselho para o período 2014-2020 foi “Promover uma maior compreensão da vocação consagrada salesiana nas suas duas formas”, “aprofundando alguns temas como a vida consagrada, o salesiano sacerdote e o salesiano coadjutor” (ACG 419 49). Esta é uma resposta ao convite do CG27 a explorar em profundidade a nossa identidade carismática, crescer no conhecimento da nossa vocação e viver fielmente o projeto apostólico de Dom Bosco, focalizando a atenção sobre quatro áreas temáticas: “*Viver na graça de unidade e na alegria a vocação consagrada salesiana, que é dom de Deus e projeto pessoal de vida; fazer uma intensa experiência espiritual*, assumindo o modo de ser e agir de Jesus obediente, pobre e casto, e sendo buscadores de Deus; construir a fraternidade nas nossas comunidades de vida e ação; *dedicar-se generosamente à missão*, caminhando com os jovens para dar esperança ao mundo” (GC27 p. 20). O GC26 já pedira aos salesianos para “dar prioridade e visibilidade à unidade da consagração apostólica, embora realizando-a de duas formas diferentes” e “aprofundar a originalidade salesiana do ministério ordenado e promover mais intensamente a vocação do Salesiano Coadjutor” (CG26 55).

Podemos fazê-lo ao reforçar o primado de Deus e a sequela radical de Cristo como fundamento da nossa vida.

Apresentamos estas reflexões e orientações sobre o salesiano presbítero quando já nos aproximamos do início do CG28, na esperança de servirem como contribuição para a reflexão que nasce da grande pergunta que fazemos a nós mesmos e que está no centro do mesmo Capítulo: “Quais salesianos para os jovens de hoje?”.

1. Algumas considerações gerais

A nossa vocação consagrada salesiana é um dom

O primeiro passo é reconhecer que a nossa vocação é um dom de Deus. O padre Juan Vecchi, oitavo sucessor de Dom Bosco, recordou-nos que a nossa categoria de “dom” é fundamental para compreender a verdadeira natureza da vida consagrada. É, realmente, um termo que ocorre muito frequentemente em *Vita consecrata* “em referência à totalidade da Vida Consagrada, a cada uma de suas manifestações históricas ou carismas, a muitos de seus componentes ou aspectos particulares: os votos, a comunidade, o serviço da caridade” (ACG 357, seção *O dom da nossa Vida Consagrada*). Os muitos santos que viveram a própria vida consagrada religiosa como sacerdotes ou que foram sacerdotes fundadores de famílias religiosas, são, eles mesmos, dons maravilhosos à Igreja: Basílio, Bento, Domingos, Inácio de Loiola, Francisco Xavier, João da Cruz, José Vaz, Francisco de Sales, Vicente de Paulo, Dom Bosco, José Bento Cottolengo, apenas para citar alguns. Em nosso tempo fomos abençoados com o Papa Francisco, que traz à Igreja o dom do seu sacerdócio vivido como religioso.

A nossa vocação consagrada salesiana é um dom de Deus a nós, aos jovens, à Igreja, ao mundo, e somos chamados a ser profundamente gratos por ela e alegrar-nos com a sua beleza.

A consagração religiosa é a nossa identidade fundamental na Igreja

A nossa consagração religiosa é a nossa identidade fundamental na Igreja. O direito canônico ilustra a natureza do povo de Deus, constituído por fiéis leigos, ministros ordenados e membros da hierarquia, e membros de institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica. Como religiosos, todos nós, salesianos sacerdotes e salesianos leigos, pertencemos à vida consagrada no povo de Deus. Essa é a fonte da nossa vocação e missão. É aqui que a Igreja nos coloca e onde deseja ver-nos florescer e produzir fruto.

Estranhamente, não foi dada na Igreja uma atenção suficiente ao tema do sacerdócio religioso. O padre Viganò, sétimo sucessor de Dom Bosco, comenta duas vezes esse fato; a primeira vez em sua carta de 1991, “O que vivamente nos interessa é o sacerdote do ano 2000” (ACG 335), e, depois, em “O Sínodo sobre a Vida consagrada” (ACG 351). “É uma pena, porém, afirma o padre Viganò, que no Sínodo nem sequer se tenha acenado à delicada e complexa problemática do religioso-padre. Quem sabe, os tempos ainda não sejam maduros e haja necessidade, antes, de ulteriores pesquisas doutrinárias.⁵⁶ Ainda hoje, a situação parece ser a mesma. A nova *Ratio* para a Igreja, *O dom da vocação presbiteral* (2016), não contém nenhuma consideração especial sobre o sacerdote religioso, apesar de, em 2016, serem 134.495 os sacerdotes religiosos ou 32,3%, quase um terço, do número total de sacerdotes na Igreja católica.

Para nós, contudo, é urgente refletir sobre a identidade do salesiano padre. Uma identidade clara e sadia traz alegria e unidade à vida e dá uma direção estável ao trabalho apostólico. Nesta carta, procuraremos evidenciar o que está na raiz do ser salesiano presbítero no interior da nossa única vocação consagrada, chegando a uma compreensão

⁵⁶ ACG 351 = *Lettere circolari di don Egidio Viganò ai Salesiani* (Roma 1996) 1535.

renovada da vida religiosa e do sacerdócio. A vida fraterna, os conselhos evangélicos e a missão não são elementos existentes ao lado do ministério dos salesianos padres. Mais que isso, são a matriz fundamental e a raiz vital da nossa vocação. Nas palavras da nossa *Ratio*: “O salesiano sacerdote [ou diácono] reúne em si os dons da consagração salesiana e os do ministério pastoral, mas de maneira tal que é a *consagração salesiana que determina as modalidades originais do seu ser sacerdote e do exercício do seu ministério* (FSDB 39).

Salesianos presbíteros e salesianos leigos participam do mesmo sacerdócio de Cristo

A reflexão teológica no período pós-conciliar é caracterizada pela intensa tomada de consciência da ligação entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum dos fiéis. Todos nós, salesianos clérigos e coadjutores, participamos do sacerdócio de Cristo.

O sacerdócio de Cristo é único e absolutamente original. Nas demais religiões, e até mesmo no hebraísmo, o sacerdote pertence à esfera do sagrado. No Novo Testamento, porém, longe de ser uma expressão religiosa peculiar do sagrado, o sacerdócio de Jesus deriva diretamente da sua vida e dos eventos salvíficos da sua Páscoa e envolve toda a realidade humana. O sacrifício de Jesus é um sacrifício de obediência: consiste na oferta de si mesmo completa e inteiramente ao Pai, até a entrega total de si na cruz. Sua vida e sua morte transformam as nossas resistências e o mal que trazemos em nós, abrindo caminho ao arrependimento e ao perdão, à nova vida de Zaqueu, de Pedro, de Maria de Magdala, à vida da ressurreição, “Pois com uma única oblação ele tornou perfeitos para sempre os que são santificados” (*Hb* 10,14).

Para nós, então, há somente um sacerdote e um sacrifício, levando em conta que, do ponto de vista hebraico, Jesus era um leigo e o seu sacrifício não foi realizado no templo, mas no Calvário, e num

contexto que não era certamente “sagrado”. “Este modo de ser sumo sacerdote é diametralmente oposto em relação ao antigo: em vez de uma separação ritual, encontramos uma solidariedade existencial; em vez de uma elevação acima dos outros, encontramos um rebaixamento extremo; em vez de uma proibição de todo contato com a morte, encontramos a exigência de aceitar o sofrimento e a morte”.⁵⁷

Com efeito, todos os batizados em Cristo são chamados a unir-se a ele, oferecendo seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (*Rm* 12,1). Este é o “sacerdócio comum” dos fiéis, e todos nós, salesianos coadjutores e clérigos, participamos desse sacerdócio. O sacerdócio comum com base no batismo é a “expressão suprema da dignidade humana... a modalidade histórica para sentir-nos envolvidos na redenção e na salvação” (ACG 335, seção *A consagração batismal e o ministério ordenado*). *Não há dignidade mais elevada do que a que nos foi conferida com o batismo*. Para quem entre nós está habituado a ouvir falar do sacerdote como *alter Christus*, estas palavras de São João Paulo II podem surpreender e fazer-nos bem.

*“Ainda no tempo dos Padres, afirmava-se com frequência: “Christianus alter Christus” (O cristão é um segundo Cristo), entendendo evidenciar com isso a dignidade do batizado e a sua vocação, em Cristo, à santidade... Santo Agostinho... costumava repetir “Vobis sum episcopus, vobiscum christianus” (“Para vós sou bispo, convosco sou cristão”). Refletindo bem, significa bem mais christianus que não episcopus, embora se trate do Bispo de Roma”.*⁵⁸

⁵⁷ Albert Vanhoye, “La novità del sacerdozio di Cristo,” in *La Civiltà Cattolica* n. 3541, n. 1 (1998) 16-27.

⁵⁸ João Paulo II, *Varcare le soglie della speranza*, Mondadori, Milão 1994, 11-12.

O sacerdócio ministerial existe somente para servir

O sacerdócio ministerial existe totalmente a serviço do sacerdócio comum dos fiéis. Sua única finalidade é ajudar os discípulos de Cristo a participar do seu sacerdócio, superar o mal com o amor e o perdão e oferecer-se totalmente ao Pai (ACG 335, seção *A consagração batismal e o ministério ordenado*). Inserindo o ministro no coração da sua comunidade, a ordenação consagra-o para o serviço daquela comunidade. É uma graça não de separação, mas de comunhão. O sacerdote é chamado a ter o coração do Bom Pastor e ter “uma consciência e um sentimento interior que o ligam inseparavelmente” àqueles aos quais é enviado. A caridade pastoral leva a uma constante imersão na vida do povo de Deus, na contínua auto-entrega do serviço.⁵⁹

“Esta caridade pastoral”, recorda-nos o Concílio Vaticano II, “flui sobretudo do sacrifício eucarístico, que permanece o centro e a raiz de toda a vida do presbítero” (PO 14). Se todo batizado é chamado, na Eucaristia, a unir-se à oferta que Jesus fez de si mesmo ao Pai, com maior razão, aqueles que são chamados ao sacerdócio ministerial são chamados a aplicar a si mesmo “o que é realizado sobre o altar” (PO 14), tomando e oferecendo a si mesmos ao Pai, partindo-se como o pão e entregando-se aos seus irmãos e irmãs, transformando suas vidas em Eucaristia.

A caridade pastoral não é um elemento novo que vem após a ordenação, identificada com determinadas “atividades pastorais” reservadas ao sacerdote, mas está na raiz mesma da vocação dos salesianos chamados a serem presbíteros. A caridade pastoral está no centro do nosso espírito, como força estimuladora e motivação que dá energia a tudo o que somos e fazemos.

⁵⁹ Severino Dianich, *Teología del ministerio ordenado. Una interpretación eclesiológica*, Ed. Paulinas, Madri 1988, 324.

“Dom Bosco, sob a inspiração de Deus, viveu e nos transmitiu um estilo original de vida e de ação: o espírito salesiano.

Centro e síntese desse espírito é a caridade pastoral, caracterizada por aquele dinamismo juvenil que tão fortemente se revelava em nosso Fundador e nas origens da nossa Sociedade: é um ardor apostólico que nos faz buscar as almas e servir somente a Deus” (C 10).

O salesiano padre é um homem que se deixa guiar pela caridade, “ordenado” para servir. Compreende-se logo porque o clericalismo não pode e não deve ter lugar em nossa vida. O padre Egídio Viganò antecipa de modo surpreendente os intensos apelos do Papa Francisco contra o clericalismo.

“Se existe um mal verdadeiramente pernicioso a ser eliminado no ministro ordenado é o de uma eventual modalidade “clericalista” (da qual não faltam exemplos na história) que o leve a ser o ‘dono’ do Povo de Deus. Ela em nada se coaduna com o Cristo Bom Pastor, que é o ‘Servo de Javé’. O padre que a assumisse demonstraria não ter entendido o sacerdócio da Nova Aliança” (ACG 335, seção A consagração batismal e o ministério ordenado).

Faz-nos bem acolher o convite do Papa Francisco a meditar sobre a “incomensurável grandeza do dom” e a nossa pequenez.

“A grandeza incomensurável do dom que nos é dado para o ministério relega-nos entre os menores dos homens. O sacerdote é o mais pobre dos homens – é verdade, o sacerdote é o mais pobre dos homens –, se Jesus não o enriquece com a sua pobreza; é o servo mais inútil, se Jesus não o trata como amigo; é o mais louco dos homens, se Jesus não o instrui pacientemente como fez com Pedro; o mais indefeso dos cristãos, se o Bom Pastor não o fortifica no meio do rebanho”.

Lendo em contraste o anúncio a Zacarias no Santo dos Santos, no interior do templo de Jerusalém, e o anúncio a Maria numa aldeia escondida da Galileia, num tempo marcado por conflitos e misérias, o Papa continua apresentando um apelo paterno aos sacerdotes.

“Nenhum de nós foi chamado para um lugar importante, nenhum. Às vezes sem querer, sem culpa moral, habituamo-nos a identificar a nossa atividade quotidiana de sacerdotes, religiosos, consagrados, leigos, catequistas com certos ritos, com reuniões e colóquios, onde o lugar que ocupamos na reunião, na mesa ou na aula é de hierarquia; parecemo-nos mais com Zacarias do que com Maria”.

Em seguida, o Papa convida os sacerdotes a voltarem a Nazaré: “talvez tenhamos que sair dos lugares importantes e solenes; temos de voltar aos lugares onde fomos chamados, onde era evidente que a iniciativa e o poder eram de Deus”. O segredo é “voltar a Nazaré” para renovar-nos como pastores que são, ao mesmo tempo, discípulos e missionários. Devemos rezar sem jamais nos cansarmos com as palavras da nossa Mãe: “Sou sacerdote, porque Ele olhou com bondade para a minha pequenez (cfr. *Lc* 1,48)”.⁶⁰

2. O salesiano presbítero

Falamos do sacerdócio batismal como a nossa maior e insuperável dignidade (também para o bispo de Roma!), e como o sacerdócio ministerial é em tudo e por tudo um *ministério* inteiramente realizado a serviço do sacerdócio batismal. O salesiano sacerdote assume

⁶⁰ *Francisco, Encontro com os bispos, padres, religiosos e religiosas, consagrados e seminaristas, catequistas e animadores durante a viagem apostólica a Moçambique, Madagascar e Ilhas Maurício*, 5 de setembro de 2019: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190905_consacraati-mozambico.html (02.11.2019).

completamente o sacerdócio ministerial e o vive “a partir de dentro” da sua consagração salesiana.

Encontramos a mesma verdade básica sobre a nossa identidade expressa no artigo 3 das nossas Constituições, que é uma *senha* para todo o texto constitucional: “A missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas”. O que define a dimensão missionária da nossa vida não é aquilo que fazemos na grande variedade das nossas obras, mas, sim, a nossa mesma existência como salesianos consagrados. Ou melhor, “somos uma missão”, como afirma o Papa Francisco: “É algo que não posso arrancar do meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerar-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, elevar, curar, libertar” (EG 273). Se isso é verdade para todos os cristãos, o é certamente para os chamados a fazer da sua consagração batismal a *razão de ser* da sua vida através da consagração religiosa e sacerdotal.

Se a missão que eu herdei com o carisma de Dom Bosco não “der o tom concreto” a toda a minha vida, não sou nem salesiano nem padre, porque a única modalidade de viver o sacerdócio que a Igreja reconhece em mim quando fui escolhido para receber as ordens sacras é aquela contida nas nossas Constituições, do primeiro ao último artigo. Isso também é expresso claramente no rito de ordenação: é a Congregação na pessoa do Inspetor que apresenta as “credenciais” de quem está para ser ordenado, e é, na união entre o Bispo ordenante e o Inspetor, que representam o conjunto da Igreja e da Congregação, que se faz promessa de obediência. De fato, é sempre e somente na autoridade da Igreja e da Congregação que a *potestas* de um salesiano padre encontra sua fonte e sua plena justificativa.⁶¹

⁶¹ *Potestas* o termo usado no direito canônico para expressar o que é conferido pela ordenação (diaconal, sacerdotal, episcopal). Curiosamente, o termo *potesta* é encontrado 155 vezes – na tradução oficial italiana do código –, enquanto o termo *poder* é usado apenas duas vezes, em referência ao poder civil (cân. 285 e

Como diremos novamente a seguir, a missão nunca é genérica. Ela é realizada no campo que nos é indicado especificadamente e de modo salesianamente original, com raízes que vêm do alto, como professamos no primeiro artigo das Constituições.

“Com sentimento de humilde gratidão, cremos que a Sociedade de São Francisco de Sales não nasceu de simples projeto humano, mas por iniciativa de Deus. Para colaborar na salvação da juventude, ‘a porção mais delicada e preciosa da sociedade humana’, o Espírito Santo, com a maternal intervenção de Maria, suscitou São João Bosco.

Formou nele um coração de pai e mestre, capaz de doação total: “Prometi a Deus que até meu último alento seria para meus pobres jovens”.

Passemos agora a alguns pontos sobre a identidade-missão do salesiano presbítero, embora não se trate de um estudo sistemático e exaustivo.⁶²

1254). O poder sempre se refere à fonte de onde vem, em última análise, ao “poder concedido por Cristo a seus apóstolos e seus legítimos sucessores, para reger e governar os fiéis e direcioná-los à vida eterna” (<https://www.simone.it/newdiz/newdiz.php?action=view&dizionario=9> – 26.11.19). A potestas conferida com a ordenação não é um poder privado que posso exercer segundo o meu gosto como e onde desejar, e que posso investir, como se fosse um patrimônio pessoal, ora numa congregação religiosa ora em alguma diocese, conforme a conveniência. É, mais claramente, o que a Igreja me confia segundo o seu projeto, que no nosso caso é expresso nas Constituições que a mesma Igreja aprovou.

⁶² Muitos destes pontos podem ser encontrados em ACG 335. Depois de observar que o Sínodo sobre a formação sacerdotal não tratava do tema do sacerdócio dos religiosos, o padre Viganò continuou dizendo que na Congregação Salesiana já havíamos elaborado algumas reflexões, principalmente quando refletimos sobre a qualidade pastoral de nossa missão, provavelmente referindo-se à CG23 sobre a educação para a fé (ver ACG 335 = Lettere 1091-98).

2.1 A comunidade

Como insiste a nova *Ratio* da Igreja, a comunidade tem um lugar absolutamente essencial para a vida de um sacerdote, tanto nas fases da sua preparação (discipulado, configuração, síntese vocacional), quanto no ministério vivido como formação permanente.⁶³ A vida fraterna em comunidade é essencial para a maturidade humana e espiritual, para crescer no amor. Como seres humanos, só crescemos através de relações baseadas no amor. Nossos irmãos e irmãs crescem na sua capacidade de amar e ser amados no seio de suas famílias; para nós, salesianos sacerdotes e salesianos leigos, isso acontece no seio da comunidade religiosa e, com os leigos, na comunidade educativo-pastoral.

Como religioso, o ministério do salesiano sacerdote é sempre mediado pela comunidade, o que é dito explicitamente pelo título do artigo 44 das Constituições: “missão comunitária”.

“O mandato apostólico que a Igreja nos confia é assumido e cumprido em primeiro lugar pelas comunidades inspetoriais e locais, cujos membros têm funções complementares, com incumbências todas elas importantes. Disso eles tomam consciência; a coesão e a corresponsabilidade fraterna permitem alcançar os objetivos pastorais”.

Isso significa que para o salesiano padre não há espaço ao *individualismo apostólico*: suas opções apostólicas devem ser mediadas pela comunidade; simplesmente, elas não podem ser identificadas com suas opções individuais segundo as simpatias, antipatias ou posições pessoais.

Devemos ter ainda em mente que a comunidade salesiana se caracteriza pela *complementaridade essencial* entre salesianos padres e salesianos leigos.

⁶³ Congregação para o clero, *O dom da vocação presbiteral* (2016) 51.

“A presença significativa e complementar de salesianos clérigos e leigos na comunidade constitui um elemento essencial de sua fisionomia e completeza apostólica” (C 45).

“O Salesiano sacerdote deve sentir-se espontaneamente relacionado, pela força de comunhão na mesma salesianidade, com o Coadjutor; e o Salesiano-leigo deve experimentar o mesmo em relação ao irmão Sacerdote. A nossa vocação, radicalmente comunitária, exige uma comunhão efetiva não só de fraternidade entre as pessoas”.⁶⁴

A dimensão sacerdotal não é exclusiva dos irmãos sacerdotes e a dimensão laical não pertence exclusivamente aos irmãos coadjutores. A comunidade salesiana não é uma agremiação artificial de dois tipos de membros que se esforçam de algum modo para viverem juntos. No coração de cada irmão estão presentes as duas dimensões, evidenciadas de modos diversos, mas sempre intimamente relacionadas, de modo que o salesiano sacerdote cultiva também a dimensão laical da missão comum, enquanto o salesiano coadjutor cultiva também a dimensão sacerdotal da mesma missão. “Sem a dimensão laical perderíamos aquele aspecto positivo de sã ‘secularidade’ que nos caracteriza na escolha das mediações educativas. E sem a dimensão sacerdotal correríamos o risco de perder a qualidade pastoral de todo o projeto. Desestruturando a complementaridade poderíamos cair, por um lado, numa espécie de ativismo social pragmático e, por outro, num tipo de trabalho pastoral muito genérico que não seria mais a autêntica missão de Dom Bosco”.⁶⁵

O padre Viganò evidencia, como é natural, que a intensidade da caridade pastoral e o grau de santidade não dependem do ministério ordenado ou dos vários serviços que prestamos aos outros, por fazerem parte da nossa responsabilidade apostólica compartilhada; mas tão somente da nossa vitalidade interior, ou seja, do modo com que

⁶⁴ ACG 335 = *Lettere* 1093-94.

⁶⁵ ACG 335 = *Lettere* 1094. Ver também ACG 424 66-77: “Uma atenção renovada ao salesiano coadjutor”.

vivemos o sacerdócio comum; dito com outras palavras, da vida de fé, esperança e caridade. O padre Egídio Viganò continua, depois, com algumas afirmações surpreendentes ainda hoje.

*“A vida de graça, ou seja, de caridade pastoral, possui — como disse S. Tomás de Aquino — um valor que é por si mesmo maior do que todas as coisas criadas. Seremos todos julgados sobre o amor. Na Jerusalém celeste não haverá necessidade nem da Bíblia, nem de Bispos e Padres, nem de Magistério, nem de Sacramentos, nem de Coordenação, nem de tantos serviços mútuos que são indispensáveis aqui na história. Por isso já e agora, na comunidade eclesial, a ordem das realidades institucionais, hierárquicas e operacionais passa em segundo plano (se assim se pode falar; é suficiente pensar onde foi colocado na Lumen Gentium o capítulo sobre o Povo de Deus!), diante do Mistério a que elas servem e revelam para quem vive a fé. A santidade afunda suas raízes no grau de participação e comunhão com a vida trinitária. Vemos a intensidade da santidade representada em Maria; e em Pedro a autenticidade ministerial. Ambos grandes santos, mas vê-se neles que o grau de santidade não se identifica com o hierárquico e ministerial”.*⁶⁶

O sacerdócio ministerial não é privilégio especial, mas serviço destinado a acabar, e que desde agora ocupa o segundo lugar. A sua glória consiste em colocar-se a serviço do povo de Deus para que todos, compreendidos os sacerdotes, possam alcançar as “vertiginosas alturas” da santidade.

2.2 O carisma

Sendo salesiano na sua essência, como vimos, o ministério do irmão sacerdote é sempre mediado pelo seu carisma. Eis porque o termo

⁶⁶ ACG 335 = *Lettere* 1095. Ver também Catecismo da Igreja Católica 773.

salesiano precede a qualificação sucessiva de coadjutor ou sacerdote: “salesiano” é entendido como primeiro indicador da identidade. O carisma salesiano dá o tom a tudo.⁶⁷

Visto como modalidade da sequela de Cristo, o sacerdócio religioso é muito diferente do sacerdócio diocesano. Para o sacerdote salesiano o *ministério é central e determinante*, e a ele dedica inteiramente a sua vida. O sacerdote religioso, diferentemente, tem a sua regra de vida num *fundador* e no seu modo original (e originante) de seguir o Senhor. A existência do salesiano sacerdote é, pois, marcada em tudo e por tudo pelo carisma que tem origem em Dom Bosco.⁶⁸ Dom Bosco não pensava primeiramente no tipo de ministério que lhe seria confiado na Igreja, como a maior parte dos jovens seminaristas, que normalmente têm como perspectiva animar e presidir uma comunidade paroquial. Ele não se sentia chamado a exercer um ministério já existente; sentia mais que fora chamado para concretizar e traduzir em obras aquela nova pedagogia da graça que era uma só coisa com o seu modo de viver presente entre os jovens.⁶⁹

⁶⁷ Ibid. 21: “Sabemos que a consagração própria da nossa profissão religiosa está fundamentada na dignidade batismal e nos faz crescer na fé e no seguimento de Cristo com um particular ‘espírito salesiano’ para sermos sinais e portadores do amor de Deus aos jovens. Temos apresentado justamente esta característica espiritual colocando a palavra ‘Salesiano’ como elemento básico; cada irmão é ‘Salesiano-padre’ ou ‘Salesiano-leigo’”. Nesta carta, foram utilizados os termos presbítero, padre, sacerdote, como também leigo e coadjutor, referidos aos irmãos salesianos, da maneira como eles já estão presentes nos documentos da Congregação, sem desejar dar ênfase ou diferenciação de significado a cada um deles.

⁶⁸ Ver A. Bozzolo, Salesiano prete e salesiano coadiutore: spunti per un’interpretazione teologica, in *Sapientiam dedit illi*. Studi su don Bosco e sul carisma salesiano, ed. A. Bozzolo, LAS, Roma 2015, 340.

⁶⁹ Ibid. 347: “Nesse sentido, Balthasar reconhece em Pedro a fisionomia típica do clero diocesano, enquanto identifica em João o modelo do clero religioso. De fato, nesses dois discípulos, a presença simultânea de ofício e amor segue «um movimento que vai em direções opostas. Pedro obtém um ofício e, para o ofício, a fim de exercitá-lo melhor, vem-lhe acrescentado o amor. João originalmente personifica o amor, e [...] a partir do aspecto pessoal, ele recebe o ofício de sacerdote» (H. U. von Balthasar, *Gli stati di vita del cristiano*, Jaca Book, Milão 1984, 247). Não é sem significado, nessa perspectiva, que, embora Pedro certamente tivesse se casado,

O sacerdócio assumido no horizonte de um carisma particular confere ao ministério do sacerdote religioso um lugar específico na Igreja, que não é igual ao do clero diocesano. Tanto é verdade que o sacerdote diocesano se enraíza num determinado território, enquanto o sacerdote religioso se caracteriza pela abertura universal. Ao primeiro é confiada a atenção pastoral ordinária de uma paróquia e de uma diocese, enquanto o segundo participa de uma missão especial que é transversal em relação aos limites territoriais eclesiais.⁷⁰ O sacerdote diocesano é chamado a um ministério geral que se realiza no inteiro arco da vida humana, da concepção à morte. O sacerdote religioso, por sua vez, tem uma vocação dirigida essencialmente a um determinado serviço, a uma fase ou dimensão da vida, assim como se manifestou e, depois, se codificou no seu carisma. Bento, Antonio de Pádua, Camilo de Lellis e, em tempos mais próximos de nós, Maximiliano Kolbe, Alberto Hurtado e muitos outros foram tão grandes dons para a Igreja e para o mundo graças à sua fidelidade ao carisma particular a que foram chamados, e com que estava perfeitamente sintonizado o dom do seu sacerdócio.

Eis porque as opções apostólicas de um salesiano sacerdote são sempre mediadas pelo nosso carisma educativo-pastoral dirigido aos jovens, sobretudo aqueles em maiores dificuldades. Às vezes, ouço jovens diáconos ou sacerdotes salesianos lamentar-se porque não tiveram a oportunidade de celebrar um batizado ou presidir um matrimônio e

João permaneceu virgem: “Como virgem, ele é o representante dos ‘sacerdotes regulares’ em relação ao casado ‘padre secular’, Pedro”. A presença de João ao pé da cruz com Maria ilumina, depois, o vínculo mariano particular da vida consagrada e dos presbíteros que a assumem. Neles, de fato, o sacerdócio ministerial e objetivo parece particularmente associado ao sacerdócio subjetivo e existencial da entrega de si, assim como o exigem os votos de castidade, pobreza e obediência. Nos presbíteros religiosos, portanto, a graça da ordenação é colocada no interior do espaço mariano da obediência a Deus, próprio de sua Ordem, no interior de uma forma característica de atuação do amor joanino que Maria sempre ensina de novo aos grandes fundadores e seus filhos espirituais.

⁷⁰ Ibid. 352.

me pergunto: quantos batizados Dom Bosco celebrou ou quantos matrimônios presidiu? E, por isso, era menos padre? Jamais devemos perder de vista a particularidade muito concreta da fisionomia do salesiano sacerdote, assim como Dom Bosco a modelou. Juntamente com o irmão salesiano leigo, o salesiano padre é enviado a uma missão imersa no mundo dos jovens e da classe popular, dedicada inteiramente a trabalhos de caráter educativo-pastoral, e se dirige a pessoas que vivem frequentemente distantes da Igreja ou pertencem a outras religiões.

A consagração apostólica do salesiano presbítero é concretizada e expressa nos três *munera* do sacerdócio ministerial.

Mediante o **ministério da Palavra** (*munus docendi*) o salesiano sacerdote semeia a palavra de Cristo numa ampla variedade de situações e mediante diversas formas de pregação, apoio e conselho, iluminando a experiência dos jovens, ajudando a orientar suas vidas, acompanhando-os na transformação e transfiguração da sua existência (FSDB 39).

A identidade carismática emerge também do fato de o ministério da Palavra adaptar-se a uma ampla variedade de situações e contextos. O salesiano padre está pronto a fazer uso das mais variadas abordagens e sabe como encontrar os jovens no ponto em que se encontra a liberdade deles (C 38). A primeira e fundamental forma de inculturação salesiana é adaptar-nos aos jovens e à experiência deles, mais do que esperar que eles se conformem com os nossos modelos.

A figura do salesiano catequista, que fazia parte da vida de muitas de nossas casas, oferece-nos uma ideia da variedade de formas com que o *munus docendi* pode ser realizado no interior do ambiente salesiano.

O catequista era, normalmente, um salesiano padre, jovem e dinâmico, que se ocupava de tudo que se referisse de modos variados à evangelização, catequese e vida cristã no interior da casa salesiana. Cuidava das celebrações litúrgicas e das práticas de piedade, da vida dos grupos, em especial dos que se reuniam por algum interesse apostólico explícito (como, por exemplo, o grupo missionário); cuidava da

animação vocacional e do acompanhamento pessoal dos jovens. Essa figura, encontrável na história não remota das nossas casas, ajuda-nos a perceber como o carisma salesiano possa fundir-se harmoniosamente com o *munus docendi* do ministério sacerdotal, no interior da missão confiada à comunidade.

É igualmente significativo que o ministério da Palavra, e não a santificação, ocupe o primeiro lugar. Seria uma pena, portanto, se os nossos jovens salesianos chegassem ao final da própria formação específica com uma preocupação excessiva e exclusiva pelo *munus celebrandi*, mais do que ter no coração uma paixão vibrante pelo primeiro anúncio, no qual insiste com força a *Christus Vivit*.⁷¹

O **ministério da santificação** (*munus sanctificandi*) pode ter muitas expressões em chave salesiana, mas a mais significativa consiste em pôr-se a serviço dos jovens acompanhando-os na iniciação à vida em Cristo, na oração litúrgica e na celebração dos sacramentos, em especial os da Reconciliação e da Eucaristia (FSDB 39). O salesiano padre é um especialista na iniciação à vida sacramental dos Garelli e dos Magone de hoje. Também neste campo, aprende a encontrar os jovens no ponto em que se encontra a liberdade deles e a experiência de vida a que foram expostos (cf. C 38). Sabe que é chamado a ser especialista dessa arte, com a capacidade de criar símbolos e linguagens que tenham sentido para os jovens de hoje.

O Sínodo sobre *Os Jovens, a Fé e o Discernimento vocacional* é um forte apelo à Igreja, para que nos renovemos na capacidade de chegar às novas gerações, aos nativos do mundo digital que vivem no interior das *mídias sociais*, com grandes riscos, mas também com o imenso potencial que tudo isso comporta. A Igreja tem o direito de esperar dos filhos de Dom Bosco que estejam na primeira linha para encontrar novos caminhos de iniciação ao mistério de Cristo neste novo terreno digital. “Já não se trata apenas de ‘usar’ instrumentos

⁷¹ CV 214, com referência a EG 165.

de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros” (CV 86). O *munus sanctificandi* prevê o acompanhamento desses e de outros jovens no seu encontro com Cristo com uma criatividade que brota das profundezas da nossa vida de fé, esperança e caridade.

Precisamos insistir, então, que o serviço a prestar é “iniciar” na vida do Espírito, e não só administrar os sacramentos. Preparar os jovens salesianos para viverem com paixão e competência neste campo apostólico é certamente um dos grandes desafios que a formação inicial deve enfrentar, porque requer muito mais do que a inserção de algum curso suplementar de catequese ou teologia sacramental num plano de estudos já repleto de exames.

O sacramento da Reconciliação ocupa um lugar especial na vida do salesiano sacerdote, como o foi na vida de Dom Bosco. Para o nosso pai, esse sacramento foi, talvez, o maior meio de iniciação à vida no Espírito. Dedicou-lhe muito tempo e energias, alcançando os seus jovens individualmente, encontrando aquele “ponto acessível ao bem... a corda sensível do coração”⁷² de onde podia florescer uma nova vida. Essa arte espiritual não brotou do nada. Repensando sobre o adolescente João Bosco que aprendeu a amar esse sacramento durante os anos no sítio Moglia e, depois, na escola do bom padre Calosso. Vamos com a memória

⁷² As *Memórias Biográficas*, depois de narrar o modo de viver esse sacramento no Oratório de Valdocco, oferecem um breve resumo de como Dom Bosco “costumava raciocinar”: “Como não há terreno ingrato e estéril que não possa finalmente frutificar por meio de longa paciência, o mesmo ocorre com o homem; verdadeira terra moral, que por mais estéril e relutante que seja, produz, mais cedo ou mais tarde, pensamentos honestos e, em seguida, atos virtuosos, quando um diretor com orações ardentes acrescenta seus esforços à mão de Deus para cultivá-la e torná-la fecunda e bonita. Em todo jovem, mesmo o mais miserável, tem um ponto acessível ao bem e o primeiro dever do educador é procurar esse ponto, essa corda sensível do coração e tirar proveito dela” (MB V 367).

até o jovem sacerdote que se prepara para o “exame de confissão” no Colégio Eclesiástico sob a sábia orientação do padre Cafasso. Pergunte-mo-nos qual é o lugar desse sacramento, primeiramente em nossa vida pessoal e, depois, em nosso ministério. Que tipo de sacerdotes salesianos seremos se não formos frequentadores assíduos desse sacramento e raramente disponíveis para esse ministério?

O **ministério de animação da comunidade salesiana** (*munus pascendi*) é totalmente orientado a serviço da unidade nas diversas comunidades: a comunidade religiosa, a comunidade educativo-pastoral, a Família Salesiana, o movimento salesiano e a comunidade humana e social em sentido amplo (FSDB 39). Animação, com sua raiz latina *anima*, consiste em dar vida e promover unidade. Não se trata, então, de uma dinâmica verticalista. A alma está presente em toda parte e trabalha a partir de dentro. A Igreja convida aqueles a quem foi confiado o *munus pascendi* a adotar um novo modo de exercer a autoridade, que dê luz e força à dinâmica da fraternidade (VN 41).

Sobre isso é interessante ver como é entendida a autoridade nas novas orientações para o diretor e a comunidade salesiana aprovadas pelo Reitor-Mor e seu Conselho em junho de 2019.

“O Sistema Preventivo promove um estilo de liderança no qual a confiança e a familiaridade são fundamentais na relação entre educador e jovem, e o mesmo se dá com os irmãos no interior da comunidade salesiana. O papel de guia e animação a quem é confiado um ‘serviço de autoridade’ não fica, por isso, de modo algum diminuído. Ao contrário, quando esse papel e serviço são vividos segundo o espírito salesiano, eles adquirem maior autoridade, muito mais eficácia do que se consegue obter apenas recorrendo à ‘frieza de um regulamento’ (Carta de Roma 1884).

É interessante encontrar o mesmo apelo à autoridade no documento final da assembleia sinodal sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional: “Para percorrer um verdadeiro caminho de amadurecimento, os jovens têm necessidade de adultos com

autoridade. No seu significado etimológico, a auctoritas indica a capacidade de fazer crescer; expressa a ideia, não dum poder diretivo, mas duma autêntica força geradora” (Documento final, Sínodo sobre os jovens, 71).

*Para permitir que o salesiano amadureça neste tipo de auctoritas, como educador com os jovens e, também, no seu serviço de liderança, deve-se dar muita atenção e dedicação ao seu crescimento humano e espiritual”.*⁷³

Como consequência, são necessárias uma clara formação e qualificação nos objetivos e eficazes nos itinerários a seguir, a fim de habilitar para uma grande capacidade de relações humanas significativas, para ser livres e premunidos contra toda forma de clericalismo, com uma boa teologia do laicato na base e experiências que tornem especialistas de formação conjunta com os leigos que compartilham a nossa mesma missão. A vida fraterna em comunidade deve ser elemento claro e critério inevitável para o discernimento vocacional e a admissão à profissão perpétua.

Insistamos neste ponto: nenhum padre, muito menos o salesiano padre, pode acreditar-se isento ou encontrar modos para diluir e diminuir o serviço da comunhão. Jesus morreu para poder reunir em unidade todos os filhos dispersos de Deus (*Jo* 11, 52). Existem limites que podemos colocar para aqueles que Deus considera e quer como seus filhos? “Quem é o meu próximo” não deve ser, talvez, sempre e sem exceções “quem é meu irmão e minha irmã”? Podemos nós que somos discípulos apaixonados no seguimento do Senhor permitir-nos colocar limites à comunhão, excluindo, quem sabe, primeiro os samaritanos, mas depois também os judeus e, enfim, as pessoas de outras religiões, primeiramente os que julgamos como pecadores, e, depois, também os refugiados, os migrantes e todos os que sentimos como intrusos e perturbadores do conforto a que nos habituamos? Somos chamados a ser profetas da

⁷³ *O diretor salesiano: um ministério para a animação e o governo da comunidade local* (2019) n. 40.

fraternidade e não existem limites para a comunhão fraterna: ela se expande em círculos concêntricos para abranger toda a criação de Deus, que é Pai de todos nós e faz brilhar o seu sol sobre bons e maus. E seria bom recordar que a comunhão na Igreja é uma realidade teológica antes de ser nossa preocupação pastoral. “Deus pôs tudo debaixo de seus pés e o constituiu acima de tudo... que se plenifica em todas as coisas (*to plērōma tou ta panta en pasin plēromenou*)” (Ef 1,22-23).

O serviço da autoridade encontra o seu significado e a sua justificação no contexto desse amor pelo Corpo de Cristo, na sua totalidade e na sua concretude como comunidade onde somos inseridos. O ministério do Papa Francisco é um constante pró-memória do modo evangélico de “servir os servos de Deus” confiados aos nossos cuidados. O novo Manual do Diretor oferece pontos válidos de meditação e encorajamento aos irmãos chamados ao serviço da autoridade, uma responsabilidade que em diversas áreas da Congregação pode exigir hoje grande sacrifício pessoal.

2.3 O sinal

Como consagrado, o salesiano presbítero é um sinal escatológico, um memorial vivo do modo de viver de Jesus. No seu celibato por amor do Reino, ele se torna um sinal da vida da ressurreição que Jesus oferece a todos.⁷⁴ A insistência de Dom Bosco sobre as últimas coisas

⁷⁴ ACG 342 = *Lettere* 1293: “A vida consagrada exprime de modo eminente a natureza sacramental da Igreja. De modo particular proclama abertamente a índole escatológica do Povo de Deus”. “Os consagrados, com sua doação total pela prática dos conselhos evangélicos, tornam-se sinal visível da força da ressurreição, esforçam-se por ser capazes de discernir a ação de Cristo ressuscitado na história e testemunham os empenhos e a alegria da esperança na preparação da volta do Senhor aguardando ‘novos céus e nova terra’”. ACG 347 = *Lettere* 1437: “Pensando na ‘sacramentalidade’ de toda a Igreja, muito sublinhada pelo Concílio, falou-se da função simbólico-transformadora da Vida consagrada, em suas variadas formas carismáticas, como se fosse uma ‘parábola escatológica’ para a fé de todo o Povo de Deus. A sua ‘significatividade’, segundo este papel simbólico-profético, não a eleva acima dos demais membros da Igreja como se possuísse uma dignidade maior, mas

(os novíssimos) pode ser entendida como uma profecia relacionada com a nossa identidade: somos na Igreja, em especial para os jovens, sinais da ressurreição. O salesiano sacerdote é sempre e em todos os lugares um educador-pastor, sempre orientado ao bem total, à salvação daqueles a quem é enviado, “totalidade” compreendida e definida pela missão e pessoa do Senhor Jesus.

Pois bem, como todas as pessoas consagradas, a vida do salesiano sacerdote é marcada por uma verdadeira *paixão* pelo Senhor, que se traduz e se exprime numa alegria que facilmente se torna contagiosa e visível (a alegria salesiana! Ver C 17), “enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a vinda de Cristo salvador” (Ordinário da Missa, rito da comunhão).

Quando preside a celebração dos sacramentos, o irmão sacerdote sabe que age *in persona Christi* e que as suas ações têm uma eficácia (*ex opere operato*) que não depende de ser virtuoso ou do seu valor como pessoa. Mas está igualmente consciente de que é chamado a unir a sua oferta à de Cristo, como todos os cristãos, e que, como pessoa consagrada, é chamado a viver de tal modo que a oferta do seu próprio corpo e da sua vida se torne uma profecia e um *sinal*.⁷⁵

Como todas as pessoas consagradas, também o salesiano sacerdote tem o seu lugar no *coração mariano da Igreja*. Maria é a mulher

distingue-a e a faz subsidiária, porque destinada a um serviço peculiar. Ela proclama alguns aspectos do multiforme mistério de Cristo, tornando perceptíveis aos contemporâneos os seus ricos conteúdos de salvação”.

⁷⁵ “Espero que ‘desperteis o mundo’, porque a nota característica da vida consagrada é a profecia. Como disse aos Superiores Gerais, «a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético»”, Carta Apostólica do Santo Padre Francisco às pessoas consagradas por ocasião do Ano da Vida Consagrada, 28.11.2014. Ver também Bozzolo, op. cit., 335: “Diferentemente do ministério ordenado que tem uma consistência institucional supra pessoal, graças à qual o ministério de um sacerdote indigno também permanece válido, a vida consagrada consiste inteiramente na qualidade da resposta amorosa daqueles que a vivem. Não há castidade para aqueles que não são castos, pobreza para aqueles que não são pobres, obediência para aqueles que não obedecem”.

que é a Igreja. A vocação de todo membro da Igreja é ser, como Maria, um ‘sim’ total a Deus. Somos a esposa que espera com ansiedade a chegada do Esposo, e com o Espírito dizemos: “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,17). A vocação de Maria é a vocação de todos nós. A vida consagrada tem seu lugar no coração mariano da Igreja, porque o seu papel e tarefa é ser profecia desse ‘sim’ e da comunhão final de todos os seres humanos com Deus na vida da ressurreição.

Ao mesmo tempo, Maria é também uma pessoa concreta com quem temos um relacionamento muito especial. Foi o que aconteceu na vida de Dom Bosco, para quem a Igreja tinha não só um rosto mariano, mas também o rosto de sua mãe, aquela mulher sábia que enquanto intuía as exigências da sua vocação sacerdotal, de quem se prepara para ser padre, também soube entregar seu filho inteiramente a Maria.⁷⁶

A *maturidade afetiva* do salesiano sacerdote, vivida numa identidade sexual esclarecida, é expressão límpida do seu celibato que assume uma importância especial no contexto da tutela e salvaguarda dos menores. Aqui se percebe a validade permanente e a forte relevância da insistência de Dom Bosco sobre a virtude da pureza. Como salesiano, o irmão sacerdote é chamado a uma especial imitação da pureza de Jesus. Jesus é o puro de coração em cuja presença mulheres, crianças e homens se sentiam acolhidos e em segurança. É, dessa forma, plenamente Filho do Pai, capaz de apresentar-se a todo homem e toda mulher exclusivamente como irmão. “Apenas como *irmão* ele se ofereceu à atenção, à amizade, à ternura afetiva de suas irmãs e seus irmãos. Sua liberdade nesse ponto é total, límpida e divina. Seu celibato, longe de ser renúncia e limitação, é consequência da sua condição exclusivamente filial e fraterna”.⁷⁷ Entretanto, o salesiano sabe que é chamado não só a ser uma presença sem dúvida confiável para os jovens, mas também sinal que resplende e irradia, que empolga os jovens, permitindo-lhe educar ao amor e à pureza (C 81).

⁷⁶ Bozzolo, *op. cit.*, 347-349.

⁷⁷ F. Rossi de Gasperis, *Sentieri di vita*, Paoline, Milão 2007, vol. 2.2:242.

Como sacerdote, o salesiano é chamado a exercer a paternidade espiritual com aquela delicadeza de maturidade humana e espiritual que o ajuda a ser realmente paterno, sem cair, todavia, no paternalismo. O risco de um paternalismo sufocante que beira o clericalismo e o abuso de autoridade, pode se tornar mais forte pelo modo com que as figuras paternas podem ser vividas e compreendidas em determinados contextos culturais. Nestas situações devemos fazer maiores esforços para imitar a paternidade de Dom Bosco. Por mais exigente que esse esforço possa ser, não podemos, contudo, rebaixar o modelo e descer a compromissos quando esse objetivo está em jogo. A paternidade de Dom Bosco é como que o sinal distintivo do seu espírito e do seu carisma. “Recorda-se do nosso Pai, sobretudo a preocupação pelo bem espiritual, a bondade que inspiravam os seus relacionamentos e a sabedoria na orientação de indivíduos e grupos: um trinômio que caracteriza a sua paternidade. Ela, depois, exprimia-se em múltiplos gestos e atitudes”.⁷⁸

A *amorevolezza* está no coração do Sistema Preventivo. É o modo único de Dom Bosco relacionar-se com os jovens; a mesma palavra, nascida da esplêndida união de amor materno e força paterna de quem no-la transmitiu, perde o seu significado fora do nosso contexto e da nossa história. Esse modelo de amor puro ou pureza amável que está no centro do nosso carisma só pode ser compreendido e absorvido por ‘contágio’. Amadurece lentamente ao longo dos anos, até chegar ao sincero e transparente dom de si, que não só contemplamos na vida de Dom Bosco, como também em muitos dos seus filhos, como Srugi, Variara, Zatti, Cimatti e Sándor, para citar apenas alguns.

Há outro campo em que hoje o nosso ser “sinal escatológico” e “memorial vivo do modo de viver de Jesus” se torna um dom precioso para os jovens, para a Igreja e para o mundo. A consciência ecológica está amadurecendo e se desenvolvendo com o crescimento em escala

⁷⁸ J. E. Vecchi, ACG 365 = *Educatori appassionati esperti e consacrati per i giovani. Lettere circolari ai Salesiani di Juan E. Vecchi*, LAS, Roma, 358.

geométrica do risco ecológico sem precedentes, que estamos todos correndo como família humana, e que atinge primeiramente as jovens gerações. Sendo sinais da ressurreição mediante o dom da nossa consagração, somos também sinais do valor da criação e do chamado à conversão eco-espiritual pedida pela *Laudato Si'*. A ressurreição lança uma luz nova sobre a vida, iluminando a nossa profundíssima interconexão com toda a criação.

*“Se nós reduzirmos o homem exclusivamente à sua dimensão horizontal, àquilo que se pode sentir de forma empírica, a própria vida perde o seu profundo sentido. O homem tem necessidade de eternidade, e para ele qualquer outra esperança é demasiado breve, é demasiado limitada. O homem só é explicável, se existir um Amor que supere todo o isolamento, também o da morte, numa totalidade que transcenda até o espaço e o tempo. O homem só é explicável, só encontra o seu sentido mais profundo, se Deus existir... somos convidados, mais uma vez, a renovar com coragem e com força a nossa fé na vida eterna, aliás, a viver com esta grande esperança e testemunhá-la ao mundo: por detrás do presente não existe o nada. E é precisamente a fé na vida eterna que confere ao cristão a coragem de amar ainda mais intensamente esta nossa terra e de trabalhar para lhe construir um futuro, para lhe dar uma esperança verdadeira e segura”.*⁷⁹

Quanto mais crescemos na consciência do destino eterno incorporado em cada rosto humano, tanto mais redescobrimos outro aspecto da vida no seu imenso valor, participe do único desígnio divino, em que universo criado e liberdade criada de todo “nascido de mulher” se refletem reciprocamente, ambos mistérios com o mesmo nível infinito. Como pessoas consagradas somos chamados, sem dúvida, também a

⁷⁹ Bento XVI, Audiência geral, 2 de novembro de 2011.

testemunhar a admirável interconexão de tudo o que Deus criou, e do seu crescimento e caminho (uni-verso) para o *eschaton*, a recapitulação de todas as coisas em Cristo.

3. Animação, vocação e formação

À luz do que compartilhamos, proponho algumas sugestões que poderiam ajudar-nos a aprofundar a identidade consagrada salesiana em sua forma sacerdotal neste nosso tempo.

O primeiro ponto é **aprofundar a nossa consciência sobre a beleza da vida consagrada**. A animação vocacional e a formação inicial são processos que funcionam substancialmente “por contágio”: uma pessoa consagrada que vive a sua vocação com alegria e paixão é atraente e profética. Nesse contexto, seria bom recordar os livretos publicados pela CIVCSVA durante o ano dedicado à vida consagrada, todos centrados na espera da vinda do Senhor, que está no centro da vocação consagrada (*Scrutate*), na beleza e no esplendor do Senhor (*Contemplate*), no ser testemunhas do Senhor Ressuscitado entre todos os povos (*Annuciate*).⁸⁰

O segundo ponto é **aprofundar a nossa compreensão do mesmo sacerdócio**. O problema não advém de ser muito sacerdote, mas de sê-lo muito pouco: tendemos a concentrar-nos em “ser padre”, mais do que em sê-lo realmente. O problema na Congregação é que temos “muitos sacerdotes, mas pouco sacerdócio”.⁸¹ Tendemos a ser fascinados por aquilo que fazemos como padres, e, talvez, também pelo retorno imediato que daí deriva, com o “estímulo social” ligado ao status

⁸⁰ CIVCSVA, *Alegrai-vos. Aos consagrados e às consagradas, do magistério do Papa Francisco* (fevereiro de 2014); *Perscrutai. Aos consagrados e às consagradas em caminho pelos sinais de Deus* (fevereiro de 2014); *Contemplai. Aos consagrados e às consagradas sobre as marcas da Beleza* (novembro de 2015); *Anunciai. Aos consagrados e às consagradas testemunhas do Evangelho entre o povo* (agosto de 2016).

⁸¹ ACG 335 = *Lettere* 1080.

e o apreço dos fiéis, mais do que pelo viver o sacerdócio de Cristo em sua verdadeira profundidade. Existe um verdadeiro tesouro escondido a redescobrir e fazer nosso no empenho renovado de compreender a beleza do sacerdócio de Cristo.

Em *terceiro lugar*, o salesiano presbítero deve ser formado para **viver muito atento ao contexto sociocultural e às mudanças rápidas em ato**, que são, de fato, a realidade em que os jovens vivem. Isso envolve, ao mesmo tempo, o retorno constante à inspiração carismática em que se alimenta a nossa identidade e missão salesiana. Nós nascemos da experiência de Dom Bosco com os jovens marginalizados de Valdocco, pelos quais ele consumiu toda a sua vida, até o último alento. Nossas Constituições são a encarnação dessa vocação e missão, e a Igreja pede-nos somente e sempre para sermos fiéis a esse patrimônio e mandato específicos. Longe de ser uma propriedade privada da Congregação, as Constituições pertencem à Igreja, e é pela autoridade de Pedro que somos chamados pela Igreja a vivê-las. A experiência carismática de Dom Bosco continua o nosso centro de gravidade na variedade dos contextos e nas contínuas alterações que condicionam a cultura e a vida das pessoas de hoje. Este é o critério permanente não só para as variadas atividades que vão adiante, mas também, e com maior razão, para o nosso empenho pessoal na missão entre os jovens, como salesianos padres e coadjutores.

“Dom Bosco viveu uma típica experiência pastoral no seu primeiro Oratório, que foi para os jovens casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida, e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria.

Ao realizarmos hoje nossa missão, a experiência de Valdocco continua critério permanente de discernimento e renovação de cada atividade e obra” (C 40).

Quarto ponto: o carisma salesiano deve caracterizar a nossa ação no campo da **animação vocacional** em todas as suas expressões. Enquanto acompanhamos todos os jovens na descoberta da própria vocação, devemos propor também o que é típico do nosso carisma, envolvendo-os na nossa missão, na vida de comunidade e na experiência dos valores típicos do nosso espírito.⁸² No interior da apresentação do carisma, devemos aprender a promover uma boa percepção da vocação consagrada salesiana, antes de tudo no testemunho alegre do nosso modo de vivê-la, e, ainda, também com a sua proposta explícita. Sempre haverá aqueles que virão até nós com a intenção primária de serem sacerdotes. Eles devem ser ajudados a discernir se, de todo coração, se sentem e são realmente chamados a abraçar o carisma salesiano. A “conversão” ao carisma é *condição indispensável* para outros passos do caminho. De aqui a grande tarefa para todas as nossas Inspetorias de migrar de vez do recrutamento de candidatos a uma verdadeira cultura vocacional.⁸³

Em relação à vocação para ser salesiano padre, alguns critérios de discernimento devem estar presentes com muita atenção: a consagração salesiana (capítulo 2 das Constituições); a capacidade de ser um verdadeiro construtor (e não destruidor!) de comunidade; o zelo pela salvação dos jovens... limitando-nos a apresentar o essencial, do que, depois, derivam muitos outros elementos típicos da nossa vida.

O *quinto ponto* refere-se à melhora e consolidação dos processos de acompanhamento durante o **pré-noviciado, o noviciado e o pós-noviciado**. Essas três fases formam uma unidade entre si e são de vital importância para o crescimento da identidade consagrada salesiana nas suas duas formas. Se é verdade que, como revela o nosso recente estudo sobre o acompanhamento pessoal salesiano, cerca de 80% dos nossos candidatos falam de uma verdadeira descoberta do

⁸² *Crítérios e normas de discernimento vocacional salesiano*, 3a edição, Roma 2000, 39.

⁸³ CG27 75,1.

acompanhamento espiritual pessoal só no pré-noviciado, estas fases se tornam ainda mais cruciais.⁸⁴

O acompanhamento espiritual pessoal no contexto do acompanhamento da comunidade é um instrumento indispensável para a aceitação pessoal dos valores da nossa vocação. Toda Inspetoria é chamada a investir com coragem na preparação dos formadores, individualmente e como equipe, de modo a se tornarem guias capazes de conquistar a confiança (*Procura fazer-te amar*) e de chegar ao coração dos salesianos em formação inicial. Não nos podemos permitir situações em que a autoridade mal administrada gera dinâmicas de medo e suspeição, que acabam por arruinar o processo de acompanhamento e formação em seu conjunto.⁸⁵ Além disso, os formadores, especialmente os que oferecem o serviço de acompanhamento espiritual pessoal, devem ser capazes de ajudar a aprofundar sobretudo as dimensões carismática e comunitária no interior do caminho de configuração a Cristo, que é o horizonte último em que qualquer outro passo encontra a sua razão de ser.

O *sexto ponto* refere-se à melhora e consolidação dos processos de acompanhamento e discernimento **durante o tirocínio e a preparação para a profissão perpétua**. Nossas Constituições descrevem o tirocínio como uma fase de intensa experiência de vida, feita de ação educativa e pastoral salesiana.⁸⁶ Dada a sua proximidade da profissão perpétua, essa fase da formação inicial torna-se ainda mais importante tanto da parte do indivíduo como da comunidade. Não se deveria

⁸⁴ M. Bay, *Giovani salesiani e accompagnamento. Risultati di una ricerca internazionale*, LAS, Roma 2018, 472-473. Ver também *Jovens salesianos e acompanhamento. Orientações e diretrizes*, Roma 2019, n. 46. Tenha-se presente que 54,42% também dizem que foram acompanhados de algum modo por ‘um amigo da alma’ nos anos antes do pré-noviciado.

⁸⁵ M. Bay, op. cit., 482-483: 8. *Elementi di disagio o difficoltà nell’esperienza di accompagnamento spirituale personalizzato*. Vedi anche *Giovani salesiani e accompagnamento. Orientamenti e direttive*, Roma 2019, n. 53-59.

⁸⁶ C 115: “confronto vital e intenso com a ação salesiana numa experiência educativo-pastoral”.

investir em formas melhores e mais eficazes de acompanhamento durante esta fase tão preciosa e delicada para a nossa vida de salesianos para ela ser realmente uma “experiência dos valores da vocação salesiana” (C 98)? O Reitor-Mor insistiu que os inspetores enviem tirocinantes somente às comunidades com comprovada capacidade de acompanhá-los. Também poderia ser útil encorajar uma renovada reflexão sobre os critérios para a admissão à profissão perpétua.

A passagem do tirocínio à fase sucessiva da formação inicial, que normalmente se dá a breve distância de tempo da preparação para a profissão perpétua, pode oferecer boa oportunidade de discernimento tanto para o irmão como para a comunidade. Ativar um processo de avaliação que abranja o conjunto da experiência salesiana do irmão a partir do noviciado, com atenção especial ao tirocínio, oferece boas oportunidades para explorar em profundidade as próprias motivações. A opção de iniciar uma formação específica para ser salesiano presbítero precisa de raízes sólidas e “critérios positivos”⁸⁷ que se manifestam na experiência salesiana vivida realmente. Nessa linha, a *Ratio* convidou-nos a fazer uma avaliação geral da experiência do tirocínio.

“É oportuno que à conclusão do tirocínio haja uma avaliação global de toda a experiência e do caminho vocacional trilhado, quer por parte do Inspetor e da comunidade, quer pelo interessado” (FSDB 439).

“Ao fim do tirocínio faça-se uma avaliação global da experiência por parte do Inspetor, da comunidade e do irmão” (FSDB 444).

Nada nos impede de ampliar o horizonte dessa avaliação, até completar todo o arco de vida salesiana do noviciado ao momento presente, de onde olhar adiante em vista de um programa de vida que se projeta corajosamente para o futuro. Algumas Inspetorias sintonizam essa

⁸⁷ Ver *Critérios e normas* 39; 42-43.

avaliação geral com a “declaração de intenção” necessária para iniciar a formação específica para o sacerdócio.

“A formação específica do irmão clérigo exige de cada candidato a orientação clara para a vida sacerdotal. Por isso, no momento da sua aceitação para essa fase formativa, exige-se do irmão uma declaração de intenção nesse sentido. As modalidades para tal declaração podem ser várias: por exemplo, pelo pedido ao Inspetor para iniciar os estudos teológicos ou o pedido para iniciar a preparação da profissão perpétua na linha do presbiterado salesiano” (FSDB 482).

Boas práticas como estas podem contribuir para dar maior valor à passagem crucial do tirocínio à formação específica e à profissão perpétua. Evidentemente, exigem-se as melhores disposições e o envolvimento convicto tanto do irmão interessado como daqueles que o acompanham nesse momento da sua vida.

O sétimo ponto refere-se à formação específica em preparação ao sacerdócio salesiano. Esta fase, também pela sua duração, tem um impacto extraordinário sobre a identidade consagrada salesiana na sua forma sacerdotal. A *Ratio* não poderia ser mais clara ao formular os objetivos próprios dessa fase:

“ A nossa regra viva é Jesus Cristo... que descobrimos presente em Dom Bosco, o qual deu a sua vida aos jovens’ (C 196). Esta afirmação das Constituições exprime sinteticamente a vocação do salesiano: conformar-se a Jesus Cristo e como Dom Bosco dar a vida pelos jovens. Toda a formação, inicial e permanente, consiste em assumir e realizar nas pessoas e na comunidade essa identidade. Para o seu cumprimento orienta-se o empenho de cada candidato e de cada irmão, a ação dos animadores, o inteiro projeto de formação.

A identidade salesiana é, portanto, fundamento de unidade e de pertença à Congregação no mundo inteiro. É o coração de toda a formação: dela parte o processo formativo e a ela faz constante referência. E é critério determinante de discernimento vocacional” (FSDB 25).

“O salesiano sacerdote [ou diácono] reúne em si os dons da consagração salesiana e os do ministério pastoral, mas de maneira tal que é a consagração salesiana que determina as modalidades originais do seu ser-sacerdote e do exercício do seu ministério. Como sinal sacramental de Cristo Bom Pastor do qual aufere sua caridade pastoral, procura “salvar” os jovens, trabalhando no contexto de sua comunidade” (FSDB 39).

É tempo de repensar todo o processo de formação específica a fim de dar à nossa identidade consagrada salesiana a centralidade que lhe pertence. Não é realmente suficiente garantir que o plano de estudos corresponda aos requisitos acadêmicos em vista da ordenação sacerdotal. Devemos identificar e promover os métodos que melhor favoreçam a obtenção contínua da síntese carismática que é o núcleo da vocação do salesiano presbítero. Como o cardeal J. J. Hamer sustentara vivamente durante o Sínodo sobre *A formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais*, os superiores maiores têm a responsabilidade de garantir uma perfeita harmonia entre a formação ao sacerdócio e a formação à vida religiosa, de acordo com a identidade e o carisma particulares de cada Instituto.⁸⁸ Durante o estudo da teologia, deveríamos unir esforços para melhorar os itinerários formativos e os percursos acadêmicos que ajudem a ler os tratados teológicos à luz do nosso carisma.

⁸⁸ Citado em ACG 335 = *Lettere* 1084. Jean Jérôme Hamer, OP, STD (1916-1996) era um cardeal belga, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (1985-1992).

Existem, em especial, dois tipos de relações com um impacto realmente forte sobre o futuro ministério e que devem ser, portanto, objeto de atenção particular. A primeira é a experiência vivida pela *comunidade religiosa*: um sentido claro de pertença e a capacidade de doar-se num serviço generoso são sinais positivos extremamente importantes. Os problemas na vida da comunidade depois da ordenação têm frequentemente suas raízes numa frágil experiência de comunidade durante a formação inicial. A segunda é a capacidade de viver *o espírito e a missão salesiana compartilhados com os leigos*. A consistência dessas convicções, competências e habilidades não surgem por si só depois da ordenação, como se fossem automáticas; requer-se, porém, uma deliberada e sistemática atenção a esse campo durante os processos de formação inicial.

Precisamos garantir que a formação específica não se reduza em seu conjunto à sua dimensão intelectual, embora sempre necessária, e muito menos à “mera superação dos exames”. Os aspirantes ao sacerdócio salesiano devem ser ajudados a entrar mais profundamente em sua identidade específica de irmãos chamados a viver o sacerdócio na vocação e missão salesiana. O que exigiria, como dissemos, uma revisão profunda dos processos e instrumentos de formação (projeto formativo comunitário e projeto pessoal de vida; acompanhamento pessoal, de grupo e de comunidade), o alargamento da equipe com pessoas envolvidas na formação, incluindo homens e mulheres leigos e casais, e favorecendo a preparação mais adequada dos formadores. Tudo isso deverá ser realizado com abordagem participativa, para garantir que os jovens irmãos sejam envolvidos ativamente, como primeiros responsáveis da própria formação.

Oitavo ponto: o período do **quinquênio**. Não há nada que possa comprovar a importância desta fase de modo mais convincente do que tenha sido a experiência direta de Dom Bosco. A missão salesiana nasceu nos primeiros cinco anos do seu sacerdócio, coincidentes com o tempo passado entre a sua ordenação sacerdotal e o início do oratório

com residência estável em Valdocco. A experiência pessoal do nosso Fundador oferece ao mesmo tempo um testemunho extraordinário da importância de ser acompanhados durante o período crucial da plena inserção no ministério educativo-pastoral: sem Cafasso ao seu lado não podemos nem sequer imaginar o São João Bosco que conhecemos e procuramos seguir.

É responsabilidade primária do Inspetor indicar irmãos a comunidades em que possam ser seguidos e acompanhados, como também cabe, sem dúvida, aos irmãos interessados reconhecerem que há necessidade de tal proximidade, acolhendo de bom-grado o fato de serem acompanhados e apoiados. Não menos importante neste momento é o apoio dos colegas de quinquênio. Atualmente acontecem experiências muito válidas de encontros entre salesianos do quinquênio para apoio recíproco, em nível inspetorial e interinspetorial; vale a pena compartilhar essas boas práticas.

Há, ainda, o estudo, que Cafasso definia como o oitavo sacramento do padre. Seria uma tragédia se após a ordenação os salesianos sacerdotes deixassem de ler, refletir e estudar. Se queremos ser educadores e pastores e não funcionários ou mercenários, certamente devemos dar atenção à dimensão reflexiva e contemplativa da nossa vocação. O melhor exemplo aqui é o do próprio Dom Bosco: o Dom Bosco que tinha um quarto reservado para ele no Colégio Eclesiástico aonde se retirava todos os dias para ler e escrever nos seus primeiros anos de sacerdócio.⁸⁹

Nono ponto. **Dado o grande número de paróquias na Congregação** e o forte impacto formativo dessa forma especial de serviço pastoral sobre a nossa vida salesiana e o nosso modo de perceber e viver o ministério sacerdotal, seria importante promover no próximo sexênio processos de escuta, estudo e reflexão sobre esse tema, a

⁸⁹ Ver G. Buccellato, *Appunti per una "Storia Spirituale" del sacerdote Gio' Bosco*, LDC, Turim 2008, 67. Ver também a vastíssima série de publicações do próprio Dom Bosco, agora facilmente acessível em: <http://www.donboscosanto.eu/>.

realizar conjuntamente pelos Dicastérios da Pastoral Juvenil, das Missões e da Formação envolvendo irmãos e comunidades diretamente empenhados no ministério paroquial salesiano.

Enfim, como *decimo ponto*, o salesiano sacerdote é chamado, com o salesiano coadjutor, a **promover ativamente a eclesiologia de comunhão**, que se expande em círculos concêntricos até abraçar toda a humanidade. Isso significa ir além dos limites das nossas comunidades religiosas e educativo-pastorais, para criar rede com outros religiosos, com a comunidade diocesana, com a comunidade humana em que nos situamos e com todos os que se interessam em cuidar da nossa casa comum e promover a vida e o futuro dos jovens, sobretudo dos mais marginalizados. O sacerdócio de Cristo abrange a família humana inteira, e, na verdade, toda forma de vida no interior do esplendor da criação, obra de Deus.

Aos poucos, aprenderemos a dar maior atenção à identidade dos nossos irmãos sacerdotes, vendo ao mesmo tempo a melhora na qualidade pastoral, na espiritualidade e na responsabilidade compartilhadas do primeiro protagonista da missão, que é a comunidade. O crescimento permanente nos aspectos apresentados até aqui é um desafio permanente para a vida religiosa salesiana em suas duas formas, com o objetivo último de crescer juntos, salesianos leigos e salesianos presbíteros, em fé e humanidade, a fim de prestar um serviço mais fecundo aos jovens e a todos a quem somos enviados, pondo nisso todo o coração, todas as energias e todos os recursos a nossa disposição.